



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 23/01/2019



Projeto do PNUD no Piauí promove empoderamento econômico de mulheres jovens

Principais vítimas de feminicídio e de mortalidade materna, as mulheres jovens também são as que mais sofrem com o desemprego e a sobrecarga de trabalho não remunerado no país.

Na tentativa de reverter esse quadro no Piauí, o **projeto “Mulheres Resilientes = Cidades Resilientes”**, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), desenvolverá nos próximos meses iniciativas para o empoderamento econômico e a autonomia financeira de mulheres piauienses com idade entre 18 e 29 anos.

A previsão é de que o trabalho seja realizado em cinco áreas: educação para o trabalho e inclusão produtiva; enfrentamento à violência contra as mulheres; promoção da saúde das mulheres; melhoria da transversalidade de gênero nos equipamentos públicos; políticas de cuidados para redução da sobrecarga de responsabilidades concentradas nas mulheres.

As ações serão realizadas em cinco municípios da região metropolitana de Teresina — Teresina, Demerval Lobão, Nazária, José de Freitas e Timon (o último, no Maranhão) — e têm como base esforços de diagnóstico feitos pelo projeto na região, que identificou desafios e possíveis soluções.

Juntas, as cidades abrigam 1,05 milhão do total de 1,25 milhão de habitantes da região metropolitana de Teresina, o que afeta positivamente todo o território e colabora para a redução da pobreza. O governo do estado e as prefeituras das cinco localidades são parceiros do PNUD na implementação do projeto.

Na última semana, a oficial de gênero e raça do PNUD Brasil, Ismália Afonso, esteve em Teresina para reafirmar a parceria com os poderes públicos locais e apresentar as consultoras do projeto à Secretaria de Planejamento do estado, às prefeituras dos cinco municípios e à Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres de Teresina (SMPM).

Ismália relatou que as consultoras do projeto são especialistas com vasta experiência no Piauí e que já estão trabalhando para elaborar sugestões de intervenção em políticas públicas mais rápidas e eficazes para fazer avançar o empoderamento econômico de jovens mulheres.

“Essa iniciativa tem o papel de construção de políticas públicas de igualdade de gênero junto com o poder público e a sociedade civil por meio de aporte técnico. A ideia é que essas ações sejam aplicadas dentro dos mecanismos de planejamento das prefeituras e do governo do estado, como o Plano Plurianual, a Lei Orçamentária Anual e a Lei de Diretrizes Orçamentárias”, disse a oficial.

De acordo com o prefeito de Teresina, Firmino Filho, a prefeitura prestará apoio ao projeto. “Essa parceria é interessante para garantir a longevidade do que for realizado. Será um prazer começar a iniciativa aqui na capital para, no futuro, servir de modelo para todo o país”, afirmou.

A gestora da SMPM, Macilane Gomes, lembrou que as políticas de gênero “não impactam só as vidas das mulheres, mas de toda a sociedade e do desenvolvimento econômico e social da cidade”.

Metodologia de Combo

O projeto adota a chamada metodologia de Combo, que é baseada na abordagem multidimensional dos problemas, em vez de intervenções fragmentadas e setoriais. É por isso que, apesar de ter foco no empoderamento econômico, a estratégia não atua somente no tema do trabalho ou da formação para o mercado.

“A gente entende que, se as mulheres são vítimas de violência de gênero, isso dificulta a saída delas do ambiente doméstico para estarem disponíveis para o trabalho. Se elas não tiverem uma saúde integral, elas não conseguem se manter ativas para o trabalho”, explicou Ismália.

Nesse caso, a metodologia será aplicada em cinco etapas: elaboração e aplicação de ferramentas para diagnósticos dos problemas no nível municipal; identificação e desenho de intervenções aceleradoras do alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nos municípios; elaboração de plano de trabalho e estratégia de mobilização de recursos para implementação das ações de gênero em nível municipal; fortalecimento das capacidades dos municípios para integrar os ODS nos documentos de planejamento e orçamento locais; e desenvolvimento de um protótipo para monitoramento online da implementação das ações planejadas.

Pacific Standard

EUA: Fora do mapa: o problema com os mapas de inundação da FEMA para a Costa Leste

Annie Avilés

Hoje, 88% da costa do Maine é de propriedade privada e, de acordo com o Island Institute in Rockland, menos de 20 dos mais de 8.000 quilômetros de costa do estado continuam funcionando à beira-mar. Grande parte dessa propriedade privada é de casas de veraneio, usadas alguns meses do ano. Na verdade, de acordo com o Censo de Habitação dos EUA de 2010, quase 16% das casas do Maine são segundas residências, mais de cinco vezes a taxa nacional, e a taxa mais alta nos Estados Unidos. Mas enquanto Mainers de longa data resmungam sobre "pessoas de verão" a economia logo se ajustou à nova realidade. No mínimo, mais visitantes significavam mais dólares em turismo. Mesmo em cidades como Stonington, onde a indústria pesqueira se mantinha e prosperava, as economias costeiras do Maine se tornaram cada vez mais dependentes dos turistas e das indústrias dedicadas a servi-los. O "Vacationland"

Então, quando a crise imobiliária americana atingiu uma década atrás, foi particularmente devastadora. O colapso trouxe uma queda enorme, não só nas indústrias imobiliária e imobiliária, mas também no turismo. A maioria das cidades costeiras foram profundamente afetadas - e estavam apenas começando a se posicionar novamente após anos de lenta recuperação quando o redesenho dos mapas da FEMA foi anunciado. Depois de 15 anos vivendo, ouvi pela primeira vez sobre o plano alguns meses antes de voltar atrás e fui pego de surpresa por quão político e contencioso se tornou o processo e como ele parecia destacar a crescente disparidade de renda do estado. A FEMA começou seu remapeamento ao longo da parte sul do estado e continuou gradualmente a nordeste. Lugares como Portland, Cape Elizabeth e Scarborough têm alguns dos maiores valores de propriedade do estado, e os moradores rapidamente contrataram consultores para combater as mudanças. Eles conseguiram adiar todo o processo de aprovação para o sul do Maine, para que os mapas pudessem ser avaliados com mais detalhes. Hoje, quatro anos depois, os mapas permanecem em espera, com os mapas mais antigos e menos restritivos ainda em vigor - evitando novos custos e impactos econômicos, pelo menos por enquanto.

Enquanto isso, a FEMA continuou a subir a costa. Mapas atualizados e mais restritivos foram liberados e, em muitos casos, aprovados para outras partes da costa. Algumas dessas cidades também contestaram seus mapas e interromperam o processo. Alguns não têm. Como o processo de mapeamento dependia não apenas da ciência ambiental, mas de quem poderia arcar com a dispendiosa luta, ela criou essencialmente dois mapas

concorrentes: uma versão mais detalhada e precisa para pessoas com mais dinheiro e outra versão provavelmente menos precisa do litoral para aqueles com menos.

Todos com quem conversei - especialistas, funcionários do estado, residentes e agentes imobiliários - concordaram que a leitura dos novos mapas da FEMA em qualquer detalhe sem perícia e software caro é difícil, e que contestá-los sem perícia e software caro é impossível. E a FEMA não transmitia o fato de que muitos mapas continham erros, pelo menos em parte porque não sabia exatamente se e onde os erros haviam ocorrido até que um consultor particular fosse contratado por uma cidade ou indivíduo. (Mais uma vez, a FEMA contesta: "Durante todo o processo de atualização do mapa de enchentes, a FEMA aplica um rigoroso processo de revisão da qualidade em oito etapas, que inclui revisões independentes", disse o comunicado. Kathleen Billings [gerente da cidade de Stonington] disse.

FONTE: <https://psmag.com/magazine/off-the-map-coastal-flooding-maine-east-coast-insurance>



EUA: O que o Acampamento de Fogo revelou

De Annie Lowrey

Embora desastres como o Fog Fire pareçam atacar indiscriminadamente, no geral não é bem assim. Casas mais baratas construídas sem fortes fundações ou janelas de tempestade tendem a ser menos seguras durante tornados e furacões. As enchentes atingem os bairros mais baixos, os bairros mais difíceis e os mais baixos geralmente são bairros de baixa renda. Na Califórnia, o custo extremamente alto da moradia incentivou a construção e a migração para certas áreas propensas ao fogo. Isso quer dizer: a paisagem construída do país significa que as famílias de baixa renda são frequentemente as mais vulneráveis a desastres.

Quando ocorre um desastre, a evacuação geralmente se estratifica nas linhas de classe também. É muito menos provável que as pessoas com rendimentos muito baixos, os deficientes e os idosos tenham tecnologias que possam alertá-los de um incêndio em alta velocidade ou de um furacão prestes a diminuir. Em parte por esse motivo, a idade média dos que morreram no Acampamento do Fogo foi estimada em 71.

Deixar-se às vezes impõe um custo significativo - gás, falta de trabalho, quartos de hotel - que os mais ricos podem suportar, mas os pobres podem não conseguir. O furacão Katrina atingiu o final de agosto, quando muitas famílias de baixa renda aguardavam cheques do primeiro mês para pagar suas contas. Muitos não podiam se dar ao luxo de sair. Em pesquisas posteriores, os entrevistados explicaram que "o furacão chegou na hora errada, estávamos esperando pelo nosso pagamento" e que "era difícil conseguir dinheiro".

No entanto, a recuperação é também quando o efeito polarizador de um desastre se torna agudo: a ajuda pública e privada, em muitos casos, recai sobre os que mais têm do que os que não têm. "Os desastres estão aumentando a disparidade em termos de moradia, renda e acesso a serviços", disse Brad Kieserman, vice-presidente de operações e logística da Cruz Vermelha Americana, que permanece no local após o acampamento. "Os desastres, para a maioria das comunidades, exacerbam as questões já existentes, e é por isso que muitas vezes vemos em abrigos o que às vezes nos referimos como 'o menor, o último e o perdido'. As pessoas que tiveram menos, que foram as últimas a obter serviços, que já estavam no final, que foram perdidas de antemão, especialmente financeiramente."

FONTE: <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2019/01/why-natural-disasters-are-worse-poor/580846/>



Dinâmica de exposição socioeconômica, vulnerabilidade e impactos das recentes secas na Argentina

Este artigo analisa o risco de seca na Argentina, levando em consideração informações recentes sobre o risco de secas, exposição e vulnerabilidade.

Durante os últimos 20 anos, a Argentina experimentou várias secas extremas e generalizadas em muitas regiões diferentes, incluindo as principais áreas de cultivo. Os eventos recentes mais devastadores foram registrados nos anos de 2006, 2009 e 2011.

Os impactos relatados dos principais eventos causaram perdas de mais de 4 bilhões de dólares e mais de 1 milhão de pessoas foram afetadas direta ou indiretamente.

Nesse sentido, este documento identifica as secas mais severas na Argentina durante o período 2000-2015 usando uma combinação de indicadores de perigo de seca e camadas de exposição. Três principais eventos foram identificados:

1. durante a primavera de 2006, as secas atingiram o pico no nordeste da Argentina;
2. em 2009, os déficits de precipitação indicaram um epicentro de seca nas planícies centrais da Argentina;
3. em 2011, a região norte da Patagônia experimentou uma combinação de desastres naturais devido a condições severas de seca e uma erupção vulcânica devastadora.

Além disso, analisa a dinâmica da exposição à seca para a população e os principais setores econômicos afetados pelo município, ou seja, a produção agropecuária. Ativos expostos a secas foram identificados com vários registros de impactos de seca e

declarações de emergências agrícolas. Mostramos que, combinando exposição e vulnerabilidade com a intensidade da seca, é possível detectar a probabilidade de impactos regionais em diferentes setores.

FONTE: <https://www.mdpi.com/2076-3263/9/1/39/htm>

EVENTOS



Workshop “Coprodução na gestão de riscos de escorregamentos em assentamentos precários”

Workshop “Coprodução na gestão de riscos de escorregamentos em assentamentos precários”

Data: 29/01/2019, terça, das 9h às 17h

Local: Auditório Prof. Francisco Landi no Prédio da Administração da Escola Politécnica da USP

Objetivo:

Apresentar e discutir o desenvolvimento da pesquisa “Coprodução de estratégias de gestão de riscos de escorregamentos por meio do desenvolvimento de infraestruturas de base comunitárias nas cidades latino-americanas”. O objetivo da pesquisa é analisar se o método empregado no projeto anterior a este, que foi desenvolvido em Medellín/Colômbia, com a mesma temática, poderia ser utilizado na cidade de São Paulo e desta maneira verificar a sua escalabilidade para demais cidades latino-americanas em similares situações. Estas situações estão relacionadas com as favelas, o risco de escorregamentos de encostas neste tipo de ocupação e a participação da comunidade e dos órgãos técnicos e de defesa civil na prevenção deste tipo de risco em um quadro de resiliência urbana. Esta pesquisa conta com o apoio da British Academy e de seu programa GCRF, Global Challenges Research Fund: Cities & Infrastructure.

Desta pesquisa participam equipes da Heriot-Watt University (coordenação do projeto pelo Prof. Harry Schmidt), University of Edinburgh, Universidad Nacional de Colombia e da **USP/Politécnica (coordenação dos Profs. Alex Abiko do PCC, Departamento de Engenharia de Construção Civil, e Fernando Marinho do PEF, Departamento de Engenharia de Estruturas e Geotécnica)**. Da equipe de pesquisa brasileira também fazem parte o IPT, Instituto de Pesquisas Tecnológicas e os pesquisadores do IG, Instituto Geológico, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Além destas equipes

participarão do workshop a CDHU, as Prefeituras de São Paulo e de Taboão da Serra e a comunidade da Vila Nova Esperança onde o projeto se desenvolve.

FONTE: <https://www.poli.usp.br/evento/workshop-coproducao-na-gestao-de-riscos-de-escorregamentos-em-assentamentos-precarios>

Workshop: "Coprodução na gestão de riscos de escorregamentos em assentamentos precários"

Data: 25/01/2019 (Terça-feira)
Horário: 09h às 17h
Local: Avenida Professor Luciano Gualberto, 380 - Butantã
 Auditório Prof. Francisco Landi - Prédio da Adm. da Escola Politécnica da USP

O objetivo do workshop é apresentar e discutir o desenvolvimento da pesquisa "Coprodução de estratégias de gestão de riscos de escorregamentos por meio do desenvolvimento de infraestruturas de base comunitárias nas cidades latino-americanas". A pesquisa aplica uma metodologia, já utilizada em Medellín/Colômbia, para uma área de risco na cidade de São Paulo, e desta maneira verifica a sua escalabilidade para demais cidades latino-americanas em situações similares. Estas situações estão relacionadas com as favelas, o risco de escorregamentos de encostas neste tipo de ocupação e a participação da comunidade e dos órgãos técnicos e de defesa civil na prevenção deste tipo de risco em um quadro de residência urbana. Esta pesquisa é financiada pela British Academy dentro do seu programa GCRF, Global Challenges Research Fund: Cities & Infrastructure.

Desta pesquisa participam equipes da Heriot-Watt University (coordenação do projeto pelo Prof. Harry Smith), University of Edinburgh, Universidad Nacional de Colombia e da USP/Politécnica (coordenação dos Profs. Alex Abiko e Fernando Marinho). Da equipe de pesquisa brasileira também fazem parte o IPT e os pesquisadores do Instituto Geológico (IG), da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Além destas equipes participarão do workshop a CDHU, as Prefeituras de São Paulo e de Taboão da Serra e a comunidade da Vila Nova Esperança onde o projeto se desenvolve.

Programação

08:00	Credenciamento	
09:00	Abertura	Profa. Liedi Bernucci - Diretora da Politécnica
09:20	Apresentação do Projeto	Harry Smith - University of Edinburgh
09:40	Experiência em Medellín / Colômbia	Françoise Coupe - Universidad Nacional de Colombia
10:00	Intervalo	
10:20	Experiência em São Paulo / Brasil	Alex Abiko - Universidade de São Paulo
10:40	Vila Nova Esperança – Resistindo com Sustentabilidade	Lia - Líder comunitária
11:00	Debates	
12:00	Intervalo	
13:30	Projetos de Gestão de Riscos desenvolvidos pela USP	Fernando Marinho - Universidade de São Paulo
14:00	Gestão de Risco no Brasil	Eduardo Macedo - Instituto de Pesquisas Tecnológicas
14:30	Gestão de Risco no Estado de São Paulo – PDN e Defesa Civil	Eduardo Andrade - Instituto Geológico
15:00	Intervalo	
15:30	Gestão de Risco na cidade de São Paulo	Ronaldo Malheiros - Prefeitura de São Paulo
16:00	Organização de Favelas	Renato Daud - CDHU
16:30	Mesa Redonda	

Entrada Franca - Inscrições: <https://bit.ly/2FLOLrD>

Organização



Apoio



Realização



INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>